



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

TIAGO DIAS

IPÁ:

EMPODERAMENTO DA JUVENTUDE NEGRA DE SALVADOR

Salvador

2018

TIAGO DIAS

IPÁ:

EMPODERAMENTO DA JUVENTUDE NEGRA DE SALVADOR

Memória descritiva do documentário “*IPÁ: Empoderamento da Juventude Negra de Salvador*”, apresentado como requisito final para a conclusão do curso de graduação em Produção em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo R. S. Ribeiro

Salvador

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

TIAGO PINTO DIAS

IPÁ:

EMPODERAMENTO DA JUVENTUDE NEGRA DE SALVADOR

Memória descritiva do documentário “*IPÁ: Empoderamento da Juventude Negra de Salvador*”, apresentado como requisito final para a conclusão do curso de graduação em Produção em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2018

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Souza Ribeiro – Orientador

Doutor em Artes e Cultura visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás

Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Leonardo Costa

Doutor em Cultura e Desenvolvimento pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFBA)

Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Marcos Oliveira Carvalho

Doutor em Planejamento Urbano pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia

Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Em primeiro, minha mãe: Lindinalva de Paula Pinto, por todo apoio e compreensão durante a graduação e em todos os momentos da minha vida. Sua luta sempre foi a minha maior inspiração, mulher negra e vencedora. Te amo.

A minha família, um eterno porto seguro, lar das histórias mais engraçadas, repleto de amor e ternura.

À minha madrinha: Joselita de Paula, uma segunda mãe, ajuda incondicional desde que eu era uma criança.

À Adriele Coutinho, Alan Costa, Carolina Neves, Jack Nascimento, Loo Nascimento, Luma Nascimento, Naymare Nascimento e Zelinda Barros pela intensa cooperação com este produto e por terem compartilhando um pouco da vida de vocês comigo.

Aos professores que contribuíram de forma única para minha graduação. Especialmente o professor Marcelo Ribeiro, por toda orientação, pela maneira como este trabalho foi construído - além de professor, foi um grande parceiro. E a Leonardo Costa e Marcos Oliveira de Carvalho.

A Matthew Alvarez, com muito amor e carinho, por me acompanhar em todos os momentos, me ajudar com possível e impossível, sem você esse trabalho não existiria.

A André Torres, Ailma Teixeira, Bruno Luiz, Gilberto Bispo, Ícaro Ramos, Mariana Sales, Matheus Caldas, Mariana Guedes, Salvador Muniz e Vinícius Portela, amigos que me ajudaram imensamente.

A Victor Fonseca, Anna Louise, Jaqueline Pereira e Carlos Alberto pela ajuda e suporte, por atribuírem a este trabalho seus conhecimentos.

Àqueles que fizeram parte da minha formação prática: TV Pelourinho, EDUFBA e especialmente os amigos do Bahia Notícias. Lugar onde pude crescer, pôr em prática tudo que aprendi durante anos e por acreditar, acima de tudo, em mim.

A Fernando Duarte, mais que um chefe, você é uma pessoa inspiradora, que busca intensamente o melhor em si e em quem está em sua volta.

Aos amigos não citados, mas que contribuíram direta ou indiretamente durante os anos de graduação – em conversas, conselhos e opiniões. A vida é um seleiro de almas boas.

À vida, que me ensinou que tudo tem seu tempo, que tudo vai acontecer se você se mantém motivado e firme nos seus objetivos.

RESUMO

O forte fenômeno de remodelação da cena cultural soteropolitana apresentou a jovens negros da capital baiana a oportunidade da busca de espaço, voz e, principalmente, visibilidade para questões de empoderamento racial. O documentário analisa, a partir de entrevistas e depoimentos, como coletivos e festas modificam e revolucionam a cena cultural de Salvador. Neste memorial descritivo, são apresentadas as etapas teóricas e práticas adotadas no processo de concepção e elaboração do produto, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia.

Palavras-chaves: Comunicação. Empoderamento. Negro. Juventude. Audiovisual. Produção. Cultura.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 01	26
Imagem 02	28
Imagem 03	28
Imagem 04	30
Imagem 05	30
Imagem 06	31
Imagem 07	33
Imagem 08	34
Imagem 10	43

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	11
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 Objetivo Geral	13
1.2.2 Objetivos Específicos	13
1.3 OBJETO	13
2. ASPECTOS TEÓRICOS.....	14
2.1 CONTEÚDO	14
2.1.1 Empoderamento Negro.....	14
2.1.2 Movimento Negro do Brasil e da Bahia	16
2.1.3 Mortalidade da Juventude negra de Salvador	17
2.1.4 Cultura negra e periférica x Cenário cultural	18
2.1.5 Cultura e Representação	20
2.1.6 Paradoxo socioeconômico	21
2.1.7 LGBT's negros	22
2.2 FORMATO	23
2.2.1 O Documentário	24
2.2.2 Entrevistas	26
3. PRÉ-PRODUÇÃO.....	26
3.1 ENTREVISTADOS.....	27
3.1.1 Zelinda Barros.....	27
3.1.2 Carolina Neves.....	28
3.1.3 Alan Costa.....	29
3.1.4 Adriele Coutinho	30
3.1.5 Jack Nascimento.....	31
3.1.6 Luma Nascimento.....	32
3.1.7 Naymare Azevedo	34
3.1.8 Luana Nascimento	35
4. PRODUÇÃO.....	36
4.1 CRONOGRAMA.....	36
4.2 GRAVAÇÕES.....	36
4.2.1 Roteiro das gravações	37
4.2.2 Imagem.....	38

4.2.3	Imagens de Cobertura	39
4.2.4	Som.....	40
4.2.5	Trilha sonora.....	40
4.2.6	Abertura	41
5.	PÓS PRODUÇÃO.....	41
5.1	DECUPAGEM	41
5.2	EDIÇÃO E MONTAGEM.....	42
5.3	FINALIZAÇÃO	43
5.4	NOME DO DOCUMENTÁRIO.....	44
5.3	CAPA.....	44
6.	INVESTIMENTO	45
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
8.	REFERÊNCIAS.....	48
8.1	BIBLIOGRAFIA.....	48
8.2	FILMOGRAFIA	50
9.	ANEXOS.....	51
9.1	AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	51

1. APRESENTAÇÃO

Durante muito tempo, festas e eventos culturais foram tratados apenas como uma forma de entretenimento, um passatempo qualquer, sem nenhum valor sociocultural perante a sociedade. Com a visão amplificada e reconstruída da cultura, tais expressões ganharam força, além da redoma do entreter, passou-se a enxergá-los como potencial ferramenta de conscientização social, principalmente em guetos, favelas e comunidades marginalizadas, onde expressões culturais convergem com o cotidiano numa dinâmica muito mais frequente e singular.

Tendo em vista um forte fenômeno de remodelação da cena cultural soteropolitana, jovens negros da capital baiana enxergaram neste uma grande oportunidade na busca de espaço, voz e, principalmente, visibilidade para questões de empoderamento racial que permeiam, instantaneamente, outras diversas minorias. Festas e eventos idealizados e construídos por jovens negros, como: Batekoo, BrÁfrica Day, Oshe, Circuito Rolêzinho e coletivos culturais também formados e idealizados por jovens negros como: Afrotonizar, Dresscoração e AfroBapho enxergaram que suas atividades – com predomínio público alvo o jovem negro - devem quebrar a barreira do divertimento e enfrentar modelos antigos e racistas que se apropriam da cultura negra, mas excluem o negro. O papel destes é empoderar, criar espaço, dar voz, dar visibilidade e enaltecer a cultura e a população negra que enfadou de ser execrada. Pesquisadores acadêmicos negros, como a entrevistada Zelinda Barros, tentam fazer a ligação da academia com esses novos modelos de expressão cultural.

As questões raciais são complexas e estão em debate há muito tempo na sociedade pós-moderna, e em um mundo globalizado a militância racial ganha novas formas e novos aspectos, assim como novas expressões culturais remodelam e transformam o modo de viver e de comunicar, e estes devem ser temas de estudos acadêmicos para que possamos produzir conhecimento acerca do fenômeno que se faz cada vez mais presente na vida dos jovens negros de Salvador. É de fundamental importância salientar que este documentário não possui a pretensão de esgotar as discussões e reflexões sobre o tema, mas sim abrir um espaço de diálogo mais amplo sobre o assunto, e, sobretudo, trazer para o debate os agentes que estão diretamente ligados a construção deste fenômeno, que são, por vezes e historicamente, marginalizados.

O documentário - com cerca de 35 minutos - analisa, a partir de entrevistas e depoimentos, como este fenômeno modifica e revoluciona a cena cultural de Salvador, assim como questiona de que maneira o empoderamento se faz presente na vida da juventude negra de Salvador a partir destes eventos culturais.

Possuir grande afinidade com o formato audiovisual ajudou na escolha do documentário como produto de Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, aliar a produção audiovisual a partir de entrevistas, depoimentos e pesquisas com um fenômeno tão importante para a contexto atual da produção cultural de Salvador permitiu o aprofundamento da minha ligação com as questões raciais.

A produção audiovisual, seja em formatos e modelos, é vasta e diversa, durante o processo de pesquisa e construção do documentário, encontrei inúmeros materiais que ajudaram a embasar este produto, contudo sua singularidade e individualidade permanece intacta. Assim como propôs Nichols “Cada documentário tem uma voz distinta. Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma ‘natureza’ própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital” (NICHOLS, 2012: 135). É possível enxergar neste produto audiovisual minhas sensações e observações acerca do fenômeno estudado, legitimando sua experiência.

1.1 JUSTIFICATIVA

Considerada a cidade mais negra fora da África, Salvador tem, segundo o último levantamento do IBGE¹, do ano de 2013, 744 mil habitantes que se denominam negros, quando incluímos os pardos, os números passam para dois milhões e cem mil habitantes, quase 80% da população. Estes dados refletem o quão grande é a participação negra na capital baiana. Entretanto, outros aspectos compactuam para que a cidade receba o título de “Roma negra²”, a vasta herança africana está fortemente presente na gastronomia, música, religião, comportamento, moda, artes ou qualquer outro fator que contribua para formação do município.

¹ Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1546867-bahia-apresenta-o-maior-numero-de-negros>. Acesso em 15 de dezembro de 2017

² De acordo com o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, a expressão "Roma Negra" é uma derivação de "Roma Africana", cunhada por Mãe Aninha, fundadora do Ilê Axé Opó Afonjá.

Porém o negro como indivíduo está a margem, a sua participação, o seu protagonismo é ínfimo ou em alguns âmbitos até inexistente. Este fato fica mais latente quando busquei, dentro da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, um professor negro e que possuísse alguma ligação ou tivesse feito estudos da produção cultural negra, não existia quando este projeto foi pensado.

Pude observar, a partir de algumas vivências, uma aproximação de alguns jovens negros periféricos, com a cena da produção cultural de eventos da capital baiana. Estando no centro deste fenômeno produções como a Batekoo e Afrobapho, foi uma grande oportunidade de trazer este debate para dentro do âmbito acadêmico. Estudar e dialogar com os fenômenos da sociedade acredito que seja uma das suas principais premissas, algo que a Faculdade de Comunicação e a Universidade Federal da Bahia precisam trabalhar de forma mais integrada, não vivemos em uma bolha onde tais fenômenos que lidam diretamente com o que se é estudado durante a graduação não possuem espaços dentro do âmbito acadêmico. Assim, acredito que os conhecimentos adquiridos na academia não devem ficar retidos nela.

O audiovisual surgiu na minha vida no ano de 2009, quando fiz, na já extinta TV Pelourinho, um curso de direção, produção e roteiro em audiovisual, com especialização em edição, fotografia e audiovisual. Ali surgia uma paixão que me acompanhou durante toda a minha graduação, durante esse tempo e de experiências outras produções, pude perceber que os temas que envolvem a cultura negra até são recorrentes em produtos audiovisuais, mas também pude enxergar que não existem muitos roteiristas, produtores e diretores negros, este foi mais um fator que me fez escolher o documentário como produto de conclusão de curso.

A questão racial sempre foi algo presente na minha vida, minha mãe, Lindinalva de Paula Pinto, pedagoga, foi militante do Movimento Negro Unificado da Bahia e atualmente coordena o Movimento de Mulheres Negras em Salvador. Quando criança, ouvia conversas sobre o assunto sem entender direito, possuía brinquedos e referências diferentes de outras crianças da minha idade, algo não muito divertido naquele momento. A partir da adolescência a preocupação materna com a violência que atinge diretamente o jovem negro e, naquela época, periférico. A consciência racial vem quase de berço e algo me foi ensinado desde criança: você pode mudar tudo na sua vida, seu cabelo, sua realidade, seus desejos, seus sonhos, mas você nunca vai mudar sua condição racial – você nasceu e vai morrer negro. Então, encarar o desafio de produzir um produto

audiovisual estrelado por jovens negros e concebido por um jovem negro, traz, além da fascinação e ligação com áudio e vídeo, um enriquecimento de temas para a Faculdade de Comunicação da UFBA e principalmente para o curso de Produção Cultural. A cultura negra periférica, suas intersecções e seus sujeitos precisam ser estudados e não esquecidos e marginalizados. Abdias do Nascimento, primeiro escritor negro que li, possui uma frase que serve como estímulo e mostra como o racismo no Brasil se constrói: “As feridas da discriminação racial se exibem ao mais superficial olhar sobre a realidade social do país” (NASCIMENTO, 2016). Este olhar, na academia, não pode ser superficial, ele precisa ser encarado com a seriedade que o assunto exige.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

A partir de entrevistas e depoimentos, busquei construir um documentário que trouxesse pontos históricos, socioculturais e econômicos afim de explicar como os jovens negros e negras de Salvador usam de ferramentas como festas, eventos e produções culturais, como estratégias de empoderamento da população jovem negra.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Entender a dinâmica da construção de um documentário;
- Identificar os avanços do empoderamento da juventude negra na capital baiana;
- Entrevistar jovens produtores negros de Salvador;
- Abordar questões que estejam inseridas nos debates em torno da causa racial;
- Explorar meus conhecimentos na área audiovisual;
- Alcançar uma linguagem direta e concisa com o público que irá assistir o produto final.

1.3 OBJETO

O presente objeto trata-se de um documentário, intitulado o “Ipá – Empoderamento da Juventude Negra de Salvador”, produzido na capital baiana. A narrativa apresenta, a partir de entrevistas e alguns depoimentos, como festas, produções,

produtores e coletivos culturais fomentam e potencializam o empoderamento dos jovens negros soteropolitanos.

2. ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 CONTEÚDO

2.1.1 Empoderamento Negro

Empoderar é o ato de dar ou conceder poder a si mesmo ou outrem. Em um sentido figurado, empoderar representa a ação do domínio sobre determinada característica, situação ou condição. O empoderamento é um termo bastante presente dentro de grupos de lutas sociais, alguns exemplos são: empoderamento feminino, empoderamento negro, empoderamento LGBT entre outros. Empoderamento surge como um verbete para designar uma conscientização política, visibilizar lutas igualitárias e construir poder, tanto dentro de um espectro singular, como plural.

A partir de uma análise Foucaultiana de ações e efeitos do poder, é possível entender que o indivíduo é um dos primeiros efeitos do poder, e não, o outro poder. É de fundamental importância salientar que o poder não é dominador ou homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, ou de um grupo sobre outros. Ele é algo que circula, ou em melhor definição algo que se constrói em cadeia. Logo, o poder tendo em vista narrativas suprimidas, na análise de Foucault (1989), se aproxima ao processo de construção do empoderamento, no qual as relações de poder dominante são deslocadas, invertidas e ressignificadas a partir de perspectivas não dominantes. “O indivíduo é o efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu” (FOUCAULT, 1989: 183-184).

Foucault ressalta ainda que, para compreendermos melhor as relações de poder, devemos investigar as formas de resistências e as inúmeras tentativas de dissocia-las. No empoderamento, essa resistência se constrói nas conexões de minorias sociais. Estas minorias se cruzam constantemente por simplesmente existirem grupos e pessoas pertencentes a mais de uma minoria social. Uma mulher, que por consequência faria parte

do empoderamento feminino, pode ser também LGBT e negra, logo, estes movimentos sociais se atravessam não somente por suas lutas serem marginalizadas, mas também pela singularidade e características estruturais dos seres humanos, tendo em vista essas particularidades surgem grupos segmentados – podendo exemplificar como conjunto bem estruturado no Brasil o movimento de mulheres negras, com a Rede de Mulheres Negras do Estado da Bahia³ e Articulação Nacional de Mulheres Negras⁴ que busca o empoderamento da mulher negra.

Segmentações, particularidades, características e distinções devem e fazem parte de qualquer grupo de luta social, tais diferenças devem ser respeitadas para que haja dentro destes grupos uma harmonia e acessão dos objetivos. A diversidade não deve apenas existir, ela deve ser explorada e fomentada. Segundo Stuart Hall (2016), devemos praticar a inversão de estereótipos, transformar imagens negativas perante a sociedade em imagens positivas, tudo isso a partir da representação. É possível enxergar essa análise quando grupos buscam desmitificar ou dar novos conceitos as palavras como “vadia” e “bicha”. A diversidade não fica apenas no campo da representação de signos, o empoderamento negro, que é o tema primordial deste produto, apresenta na sua base dois espectros: o empoderamento singular, que parte do princípio da individualidade e tem várias motivações, e não faz parte deste trabalho questioná-las e a plural, que trabalha no campo do coletivo, buscando melhorias e avanços que vão atingir a população de maneira geral, seja você negro e pardo em formato de reparação ou um branco vivendo numa sociedade mais igualitária.

O empoderamento negro é plural, ele se dá por vários âmbitos, romper com as normas está na ocupação de espaços que foram negados e deturpados, na reparação social a partir de cotas nas Universidades e concursos públicos, na representatividade quando se busca ver artistas negros, ouvir cantores e ritmos negros, ler escritores e poetas negros, até mesmo na estética, quando se assume os traços fortes da população negra, o cabelo crespo, fortalecendo sobretudo a autoestima. Além destes valores mais pessoais, vale ressaltar alguns contextos mais amplos como a luta pelo ensino da cultura negra nas escolas públicas, o respeito pelas religiões de matrizes africanas, no que abrange a intolerância religiosa, o combate ao racismo institucionalizado que se faz forte e presente

³ Articulação feminista negra, composta por entidades, grupos, coletivos, núcleos, associações de mulheres negras de diferentes municípios do Estado da Bahia.

⁴ Rede de organizações de mulheres negras, constituída atualmente por 29 organizações distribuídas por todas as Regiões do Brasil.

na sociedade brasileira. Autores como Stuart Hall, Abdias Nascimento e até mesmo os entrevistados deste produto apontam o fortalecimento da diversidade da população negra como ferramenta mais eficaz de combate ao racismo, assim como propôs Cerqueira “é necessário se combater a segregação racial em todas as estruturas” (CERQUEIRA, 2015: 02).

2.1.2 Movimento Negro do Brasil e da Bahia

O racismo e as questões raciais fazem parte do imaginário brasileiro e mundial há muitos séculos. Vivemos, no nosso país, 358 anos de escravidão, onde cerca de 5,5 milhões de negros foram trazidos a força para o Brasil, segundo o site *slave voyages*⁵ (em inglês, viagens escravas). Em outros contextos históricos e geográficos, podemos falar do Apartheid – regime de segregação racial adotado na África do Sul durante os anos de 1948 e 1994 – onde os direitos da população negras foram cerceados pelo governo formado por uma minoria branca. Além disto, vale lembrar do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos liderado por Martin Luther King Jr, Rosa Parks, Malcom X, Angela Davis e outros nomes. Em um contexto estadual, podemos citar a revolta dos búzios, mais conhecida popularmente como conjuração baiana, movimento de caráter emancipacionista que tinha também a finalidade de instauração da república e fim da escravidão.

Estes e outros movimentos fazem-nos lembrar que a luta por direitos iguais, fim da desigualdade racial e racismo não é uma questão nova, porém ela se altera a todo momento, assim como a nossa sociedade. Levando-se em conta o que Abdias do Nascimento (1978) classificou como de “racismo eficazmente institucionalizado” surgiram no Brasil e na Bahia grupos sociais que combatem diretamente a segregação racial – O Movimento Negro Unificado (MNU). Fazendo 40 anos em 2018, o primeiro grupo surgiu, segundo pesquisa da Revista RAÇA⁶, no ano de 1978, na cidade de São Paulo, com organização de Hélio Santos, Lélia Gonzalez, os irmãos Celso e Wilson Prudente, além do próprio Abdias do Nascimento. Eles se uniram após dois acontecimentos: um feirante negro de 27 anos foi acusado de roubo de frutas no seu local de trabalho, levado pela polícia, torturado e morto por militares. Semanas depois, 4 jovens

⁵ Disponível para pesquisas em: <http://www.slavevoyages.org/voyage/search>. Acesso em 15 de dezembro de 2017

⁶ Disponível em: <https://revistaraca.com.br/a-origem-do-movimento-negro-do-brasil/>. Acesso em 22 de dezembro de 2017

negros do time de vôlei já extinto Clube de Regatas Tietê foram impedidos de participar de uma partida. Na da Consolação, localizada na capital paulistana, em uma reunião, foi decidido que eles sairiam às ruas para protestar, no dia 7 de julho do mesmo ano, cerca de 3 mil pessoas se reuniram, em frente ao Theatro Municipal de São Paulo, para protestar contra a discriminação racial no Brasil. A data, posteriormente, ficaria conhecida como o Dia Nacional de Luta Contra o Racismo. Logo, o movimento se organizou em outros estados e a Bahia não ficou de fora deste fenômeno. Formou-se por aqui, no ano de 1979, o Movimento Negro Unificado da Bahia, com sede no bairro do Curuzu, dentre as suas premissas está a construção de projeto sociopolítico que supere as subcondições imposta a população negra da Bahia. Durante os anos de militância surgiram algumas campanhas como “Mano, Não morra, Não mate!” e o “Reaja contra a violência Racial” entre outros movimentos importantes para a população negra de Salvador.

2.1.3 Mortalidade da Juventude negra de Salvador

Os altos níveis de morte da população jovem negra permaneceram não sendo reconhecidos pelas Instituições do Estado. Os números do Atlas da Violência de 2017 mostram que mais da metade das 59.080 pessoas mortas por homicídios em 2015 eram de jovens (54,1%). Entre as vítimas, 71% eram negras (pretas e pardas) e 92% do sexo masculino

Outro dado alarmante mostra como a juventude negra de Salvador é marginalizada e necessita de ações afirmativas e socioculturais oriundas do Estado. Segundo o site Bahia Notícias, de acordo com Instituto Igarapé do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Datasus, a Bahia é o estado com maior proporção de negros/pardos assassinados se comparados aos brancos. Na pesquisa, datada do ano de 2015, 5.383 homens foram mortos no estado, destes, 4.898 eram negros ou pardos e 306 brancos. Já entre as mulheres, 331 eram de etnia negra e 40 eram brancas, de um total de 383 assassinadas. Em nenhum estado da Federação, o número de homicídios de brancos superou o de negros e pardos.

Um dos poucos projetos que tramitam na câmara dos deputados e trazem esta questão para debate é o que diz respeito aos chamados “autos de resistência” (PL

4.471/2012⁷). O principal objetivo do projeto é garantir que as mortes provocadas por policiais sejam investigadas, já que muitos destes homicídios são justificados como “auto de resistência”, o que significa que houve reação da vítima e que o policial agiu em legítima defesa. O projeto, no momento, encontra-se em votação na Câmara dos Deputados do Brasil e se depara com bastante resistência da chamada bancada da bala, que é nome pejorativo pelo qual é conhecida a frente parlamentar composta por políticos que lutam pelo direito ao acesso de armas pela população civil.

2.1.4 Cultura negra e periférica x Cenário cultural

A. A cultura negra

Ao ponto que se aprofunda na discussão da cultura negra de massa e o papel do negro nessa cultura, Stuart Hall (2003: 48) aponta três coordenadas gerais para entendermos, no pós-modernismo, qual é a função do negro na cultura negra de massa. O primeiro são os modelos europeus de alta cultura – modelo que resistia a bárbaros ou tudo que fugisse do tradicional. Em segundo, encontra-se a emergência estadunidense como potência mundial e, conseqüentemente, o deslocamento da hegemonia na definição de cultura, os Estados Unidos da América passam a ser o centro de produção e circulação da cultura global. Por último, Hall trata da descolonização do que ele chamou de “Terceiro Mundo”, onde destaca os povos da diáspora negra, sua emergência por direitos civis e a reconstrução dos valores da sua identidade de origem afroamericana, o surgimento de novos agentes sociais. Em seu artigo “Que negro é esse na cultura popular negra?” Stuart Hall deixa claro que a construção da cultura negra de massa não está no contraponto da hegemonia cultural edificada e consolidada por séculos, e sim no reconhecimento dos espaços ganhos, porém sem esquecer que no lugar da invisibilidade se realiza uma visibilidade cuidadosamente regulada.

A hegemonia cultural nunca diz respeito à vitória pura ou à pura dominação (não é o que termo significa), não é nunca um jogo cultural de inversões; é sempre sobre o mutável balanço do poder nas relações de cultura; trate-se sempre de mudanças nas disposições e configurações do poder cultural das quais não se pode fugir (HALL, 2003: 157)

⁷ Conheça o projeto que tramita na Câmara dos Deputados: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=556267>. Acesso em 15 de janeiro de 2018

Embora estejamos vivendo um momento favorável a conjuntura da cultura negra, este momento é histórico e carrega em si semelhanças e continuidades de outros momentos. Então, para se falar de um cenário cultural da cultura negra de massa, seja este mundial, nacional ou regional deve se levar em conta os aspectos em que o repertório negro vai além da estética, ela é a própria matéria do acontecimento, a oposição do *logocentrismo*, tendência que coloca o pensamento eurocidental como o centro de qualquer texto ou discurso

Vivendo em diáspora, o povo negro de Salvador, por exemplo, encontrou na cultura o que Hall (2003) caracterizou como “espaços de resistência”, para além disso é possível perceber que coletivos, grupos e produtores estudados neste produto encontram nas suas produções a base das experiências, prazeres, memórias e tradições de um povo marginalizado. Existe aqui uma conexão com o que lhe foi roubado e excluído durante séculos. Construindo, a partir da retórica do corpo, a forma de ocupar espaços antes negligenciados, estilos de cabelo, uma nova postura perante a sociedade, a maneira de falar, andar, vestir e sustentar uma posição não antes conquistada. Os espaços destinados a produção cultural em Salvador são de predomínio branco, seja no que tange ao público até nos produtores, sócios e empresários. Romper esta barreira está no cerne do que Hall (2003) caracterizou como “encaixe histórico, cultural e político”, esta inversão é a base do racismo que tentasse desconstruir.

B. Invisibilidade do negro e Marginalização.

A invisibilização do negro e por consequência a sua cultura se construiu em vários momentos, desde antes do pós-modernismo, pode-se ressaltar algumas características primordiais deste fenômeno: a marginalização do corpo negro e tudo que está ligado a ele, a apropriação cultural de signos da cultura negra e inviabilização de políticas culturais que venham combater este acontecimento. O negro não está ausente apenas dos meios de comunicação, dos cargos de poder e da produção cultural, a esta população pouco é atribuído o papel de protagonismo, algo que os coletivos, eventos e festas estudados por este documentário tentam reverter. A história da cultura negra é suprimida em âmbitos escolares, mesmo com a Lei nº 9.394⁸ que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em Escolas de Ensino Fundamental e Médio do país. As religiões de

⁸ Torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Veja mais: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 22 de dezembro de 2017

matrizes africanas são alvos constantes de intolerância religiosa, a porcentagem de negros em cargos de poder ou no Ensino Superior é ínfima perto dos indicadores de outros grupos étnicos e sua população possui os maiores indicadores de mortalidade. As discussões que rodeiam o polêmico tema da apropriação cultural são inúmeras, não se pode negar que a cultura negra tem papel fundamental na construção de uma identidade brasileira, porém o negro, como corpo, não desfruta dos benefícios. A adoção de alguns elementos da cultura negra é constante, seja em aspectos estéticos como tranças, turbantes e até o cabelo crespo, passando pela música, dança, arte, comida e moda, porém, neste processo de assimilação ou aculturação, retira-se ou se mascara o papel político que muitos destes signos possuem dentro da perspectiva cultural negra. Em um mundo globalizado, tal fenômeno se torna até compreensível, segundo Hall (2003: 153), existe a mercantilização dos produtos e signos no qual a cultura penetra, assim cria-se um “circuito de poder e capital” onde a cultura abre espaço para homogeneização de estereótipos e as fórmulas processam sem nenhum tipo de compaixão ao material.

Ainda, segundo as ideias concebidas por Hall (2003) é possível enxergar com bons olhos a construção de uma política cultural às margens. Para ele, mesmo que periféricos, estes espaços nunca foram tão produtivos como são hoje, não existe uma abertura do dominante, esses espaços são ocupados quase que de fora. Isto resulta em “políticas culturais da diferença”, girando em torno desta diferença, surgimento de novos sujeitos na cena política e cultural, e produção de novas identidades. Este fenômeno, segundo Hall, não fica apenas na ligação com a raça, mas o liga a outras etnicidades marginalizadas, como por exemplo o feminismo e políticas sexuais do movimento de gays e lésbicas. Isso produz como resultado direto um novo tipo de políticas culturais.

2.1.5 Cultura e Representação

Seguindo uma linha de estudo que passa por Durkheim, Saussure, Barthes, Foucault e Derrida. No “Cultura e Representação” (2016), Hall apresenta a representação como ato criativo, a ação de pensar o mundo e o nosso papel neste mundo, transformando a essas “representações” em objeto de análise crítica e científica da realidade. Para ele, a ligação entre cultura e representação se encontram exatamente na construção de cada um – a cultura como ato de compartilhar significados e a representação como linguagem “meio privilegiado pelo qual damos sentidos às coisas”. Assim, cria-se o que ele

classificou como “circuito da cultura”, um sistema representacional de troca entre 5 objetos: 1) Representação 2) Identidade 3) Produção 4) Consumo 5) Regulação. É aqui que se constrói uma cultura de significados compartilhados, a linguagem faz uso de signos e símbolos – sejam estes sonoros, escritos, imagens eletrônicas e até objetos afim de compartilhar com outros indivíduos nossos conceitos, sentimentos e ideias.

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016: 31)

Durante a construção do documentário, a representação, identidade, produção, consumo e regulação foram objetos interligados e ocuparam importante lugar na composição do produto. A partir do entendimento destes conceitos, foi possível observar como, por exemplo, a representação e a identidade tem papel fundamental na construção dos coletivos e grupos entrevistados ou como consumo de produtos culturais e quem os consome está diretamente ligado a construção dos aspectos deste produto. Logo, reconstruir representações, buscar novas identidades, reverter sistemas de regulação, ser parte da produção e do consumo são os maiores desafios dos coletivos, produtos e grupos entrevistados neste documentário.

2.1.6 Paradoxo socioeconômico

Segundo Cláudio Alves Furtado, no “Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial Portuguesa” (2014), o termo “desenvolvimento é carregado de uma ambiguidade. Mesmo sendo um objetivo de entendido positivo comum por toda e qualquer pessoa, o desenvolvimento ainda ultrapassa a linha do indivíduo e se torna um desejo de estados, nações e entidades. Porém a positividade inerente que o “desenvolvimento” tem e o progresso social e econômico que ele traz, nos apresenta o outro lado da moeda, o “subdesenvolvimento” ou o “não desenvolvimento”. Caracterizado por Cláudio Alves como “ausência, baixa ou estagnação da produção econômica, pela pobreza e por acesso restrito aos bens sociais básico”. Não há como negar que tais aspectos são condicionados à população negra, dados e indicadores comprovam estes fatores.

O dramático para os que estão em condição de “não-desenvolvimento” é que as dimensões, as variáveis e os indicadores que conformam e atestam o “desenvolvimento” são escorregadios, mutantes e elásticos

tornando difícil, cada vez mais difícil, de superar a condição presente e, por conseguinte, romper com o statu quo e aceder ao patamar do desenvolvimento. (FURTADO, 2014: 93)

No entendimento deste fato, estão as condições mínimas para buscar um processo de desenvolvimento, elas são extremamente interligadas, conectadas e até de certo ponto dependentes dos atos e omissões dos indivíduos a qual esta realidade é inerente, mas que não necessariamente estão dispostos a romper esta barreira.

Para a conceituada Escola de Negócios de Harvard (*Harvard Business School*)⁹, a base do empreendedorismo está na identificação de novos aspectos que possam oportunizar negócios, independente dos recursos que se apresentam ao empreendedor. A busca deve permear as áreas de emprego e renda, produzindo consigo desenvolvimento econômico. Afim de buscar uma saída ou apresentar uma nova realidade para a população negra, surge o afro empreendedorismo, que é o estímulo, geração de negócios econômicos e ampliação de oportunidades de renda para os negros brasileiros. A iniciativa ganha cada vez mais força e importância promovendo a divulgação e comercialização de produtos que valorizam a negritude e as raízes da cultura negra no Brasil. Segundo o Sebrae¹⁰, nos últimos 12 anos, o número de negros empreendedores cresceu 29%, o percentual de negros empresário saltou de 43% para 49%. O levantamento do Sebrae ainda indicou que comércio e agricultura são os principais setores onde os proprietários de empresas se declaram negros, cerca de 23%. Fomentando este fenômeno, organizações civis uniram-se e criaram o Coletivo de Empresários e Empreendedores Afro-brasileiros (Ceabra).

2.1.7 LGBT's negros

No Brasil, em 2016, 365 LGBT's foram assassinados, o que dá, aproximadamente, uma morte a cada 25 horas, os números são do Grupo Gay da Bahia, o GGB. Esses dados podem ainda ser maiores, já que poucas mortes são registradas como crime de homofobia. A principal fonte de coleta destes números são sites de notícias, jornais e outros veículos de comunicação. Existe aqui uma luta dupla, pois ao mesmo tempo vivemos em uma

⁹ Site em português da Escola de Negócios da Harvard: <http://hbrbr.uol.com.br/empreendedorismo/>. Acesso em 15 de Janeiro de 2018

¹⁰ Dados do levantamento do Sebrae sobre afro-empreendedorismo: <http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/negros-ja-sao-maioria-entre-empreendedores,e7cab024a8b7c410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em 15 de Dezembro de 2017

sociedade lgbtfóbica e racista, tornando essa população um alvo em potencial. “Racismo, homofobia, lesbofobia e transfobia articulados, compõem um violento sistema de subordinação, inferiorização, ódio e violência contra pessoas negras LGBT”. (BAIRROS, 2011)

O corpo negro sempre foi objetificado pela sociedade, o homem negro tem que ser viril, atlético, forte e másculo. Não cabe a este grupo - mesmo sendo LGBT – possuir traços de feminilidade, há julgamentos, repreensão e muitas vezes chacota. “O movimento LGBT ainda precisa reconhecer as diferenças dentro dele. E isso não é hierarquizar opressões, é entender que existem múltiplas identidades” (ROUSSEANY, 2017).

A perspectiva da sexualidade nunca foi o tema principal dentro do Movimento Negro Unificado, discutiu-se muito o papel da mulher, do jovem, mas nunca se tratou diretamente da população LGBT negra. Juntar questões de gênero e raça ainda é um tabu, mesmo ambas sendo minorias massacradas pela sociedade. O intuito de coletivos como AfroBapho¹¹ é ocupar espaços e dar voz ao que eles chamam de “bixa preta e favelada”, buscam, assim, abonar visibilidade a população negra e LGBT, pautar essas questões em par de igualdade.

É importante ressaltar que estes coletivos não buscam hierarquizar discriminações, mas visibilizar as múltiplas especificidades geradas pelas centenas de intersecções.

2.2 FORMATO

Audiovisual é algo que me encanta muito, antes mesmo de ingressar na Faculdade de Comunicação da UFBA, fiz um curso na TV Pelourinho que englobava quase todas as fases da produção de um documentário (roteiro, direção, produção, edição, fotografia e áudio). Algumas destas etapas possuíam uma melhor preparação do que outras, o que fez crescer a sintonia e o conhecimento em alguns campos, como por exemplo roteiro e

¹¹ Coletivo que busca a visibilidade de vozes marginalizadas na intersecção entre raça, gêneros e sexualidades, numa perspectiva de luta dos negros.

direção. Logo após esse período, trabalhei em uma empresa, a NAVEGARTE, fazendo transmissões pela internet.

Minha primeira experiência com áudio e vídeo na FACOM foi na disciplina de Oficina de Comunicação Audiovisual (COM112), reproduzimos, durante o semestre, cenas do filme *O homem que copiava* (Jorge Furtado, 2003). O audiovisual acompanhou toda a minha trajetória universitária, sempre que havia a possibilidade. Produzi, como um dos trabalhos avaliativos, vídeos para as disciplinas de Comunicação e tecnologia (COM104) e Comunicação e Atualidade II (COM114). A ideia de fazer um documentário como trabalho de conclusão de curso terminou sendo uma consequência das experiências que tive antes e durante a minha graduação e também por considerar este o melhor formato para apresentar as questões levantadas neste documentário. Alinhar áudio, vídeo e texto com discurso sociocultural é um modo eficiente de aproximar a sociedade da academia.

2.2.1 O Documentário

Bill Nichols, no livro *Introdução ao documentário* (1995), diz que cada produto deste ramo tem “voz distinta”, que cada produção fílmica documental tem estilo próprio e apresenta durante sua construção a individualidade e características do cineasta e ou diretor. Ele apresenta também seis “modos de representação” do documentário, que funcionam como subgêneros do ramo. São os formatos poético, performático, expositivo, participativo, observativo e reflexivo. Ele ressalta a importância de entender que um documentário pode contar com mais de um tipo de formato:

As características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade. (NICHOLS, 1995: 15)

O modo poético traz um documentário sem as convenções tradicionais, caminhando pelo terreno mais vanguardista, dando a liberdade para o diretor explorar novas composições de tempo e espaço na narrativa. Em questões de conteúdo, o modo poético apresenta alternativas não convencionais para apresentações de argumentos ou ponto de vista, buscando outras ferramentas para a solução dos problemas. O modo poético apresenta documentários totalmente fora dos padrões convencionais, seu formato conta com filmes sem comentários, sem cenas repetidas, não possui efeitos sonoros ou

músicas complementares ou até mesmo entrevistas. O que se pode perceber neste formato é uma criação livre e sem muitas alterações posteriores. O formato expositivo é um dos mais fáceis de ser reconhecido, seu modo tem por finalidade a recriação de uma história, dirigindo-se diretamente ao espectador a partir de legendas ou vozes ele possui uma estrutura mais argumentativa se comparando a outros modos.

Com fortes laços das ciências sociais, surge o documentário participativo que tem o papel de levar o espectador para uma realidade proposta pelo cineasta, eles possuem na sua retórica o papel de persuasão, comover e convencer o telespectador. O modo reflexivo requer de quem está assistindo uma interpretação do que se está sendo exposto, criando-se assim uma relação entre o cineasta e quem está assistindo, é neste momento que está o foco dos documentários reflexivos. O papel deste estilo de documentário é questionar, tanto a si mesmo com a realidade exposta, os documentários de cunho políticos passeiam constantemente por este modo. Por último, o formato performático que é de todos o mais subjetivo, questionando a todo tempo o que é conhecimento, o que se é compreendido e absorvido. O cineasta tem nesse modo de documentário papel fundamental, ele que vai provocar no telespectador a carga afetiva para que o mesmo possa tornar aquela narrativa apresentada como sua. Com feições vanguardistas, o documentário performático é caracterizado por Bill Nichols como produto de “tons evocativos e nuances expressivas, que constantemente nos lembram de que o mundo é mais do que a soma das evidências visíveis que deduzimos dele” (NICHOLS, 1995: 173).

A partir dos formatos de documentário apresentado por Bill Nichols, foi possível perceber que este produto se encaixa majoritariamente no modo participativo. Este tipo de documentário vai a campo, a produção fílmica documental neste formato se faz presente muito antes da sua concepção, foi e é vívido pelos atores ali participantes, tanto os entrevistados como o próprio cineasta, deve ser perceptível a ligação do diretor com o tema, assim como este produto possui muita ligação como minha trajetória de vida, acadêmica e social. Neste tipo de modo documental também é forte a presença das entrevistas, como meio de “colher provas” e afirmar que seu pensamento, ideia ou contexto proposto é verdadeiro ou no mínimo faz sentido a ser apresentado.

A fim de representar o encontro com as questões sociais, que é o fenômeno apresentado neste produto, e o mundo audiovisual, cineastas que usam do formato participativo utilizam de entrevistas, imagens de arquivo e depoimentos como

ferramentas de ligação com o telespectador, gerando assim uma forte ligação com quem está assistindo, enfatizando o cunho interacional e emocional.

2.2.2 Entrevistas

A entrevista é um dos recursos primordiais, numa obra audiovisual, para quem busca legitimar, fundamentar ou ilustrar uma narrativa de formato documental ou jornalístico. Nilson Lage (2001) categorizou as entrevistas em três grupos a partir do que o jornalismo chama de “fonte”. 1) as fontes oficiais, oficiosas ou independentes, as oficias são ligadas diretamente ao Estado, empresa ou organizações, como sindicatos, as oficiosas são ligadas a estas entidades, mas não falam por ele. Já no âmbito das independentes encontram-se as organizações não governamentais. 2) fontes primárias e secundárias, que são aquelas que servem para coleta de dados e números, no caso da primária, já as secundárias são usadas como complemento da pauta. 3) os experts e as testemunhas, experts são aqueles entrevistados que dão versões sobre determinado evento ou assunto, algo próximo aos depoimentos presente neste produto. As testemunhas, que Lage identificou como fonte mais processa de um documentário, esta fonte dá seu testemunho, o seu olhar sobre o que lhe é apresentado. Para ele, “normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva” (LAGE, 2006: 66)

Bill Nichols (1995) diz que a entrevista está em vários âmbitos da vida, seja no campo do trabalho antropológico ou sociólogo, na medicina, no serviço social, em sessões terapêuticas, em direito, durante os julgamentos, e obviamente como espinha dorsal do jornalismo. Já os cineastas ou produtores audiovisuais juntam diferentes entrevistas e relatos no sentido de união por uma única história. “A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem”. (NICHOLS, 1995:160). Para ele, apesar de ser uma troca, ela se distribui de forma desigual, sofrendo alterações e importância a partir de características como a ligação entre o entrevistado e entrevistador, cliente e profissional da instituição, entre outros modelos de entrevista.

3. PRÉ-PRODUÇÃO

A fase de pré-produção do documentário serviu como ferramenta de análise de pontos eu deveria aprofundar nas entrevistas, o que poderia ser abordado em uns entrevistados e com outros não, buscando otimizar o tempo para a realização efetiva das entrevistas de maneira mais direta possível. Fiz pré-entrevistas com quase todos os entrevistados do documentário, exceto com Neymare Azevedo, pois o seu nome surgiu durante o processo de gravações. As pré-entrevistas aconteciam por e-mail, mensagens pelo aplicativo de *WhastApp*, bate-papo do *Facebook* ou por telefone. Elas consistiam na construção de parâmetros que ligassem o entrevistado ao tema do documentário. Além disso, fez-se necessário me aprofundar sobre o que eles produziam, qual era sua ligação com o tema do empoderamento da juventude negra e perceber se realmente aquelas entrevistas seriam condizentes a este produto. Esta fase durou 10 dias, de 01 a 10 de outubro de 2017.

3.1 ENTREVISTADOS

3.1.1 Zelinda Barros



O nome de Zelinda Barros surgiu como uma possível entrevistada durante uma simples conversa com minha mãe, Lindinalva de Paula, militante do movimento negro e movimento de mulheres negras, sobre o tema do meu trabalho de conclusão de curso. Já estava à procura de um personagem, para este produto, que trouxesse uma ligação do meu trabalho com a academia.

Zelinda é antropóloga, doutora em estudos étnicos e africanos (Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA), mestra em ciências sociais pela Universidade Federal da Bahia (2003), bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2000). Atualmente, é bolsista de pós-doutorado em ciências sociais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2014-2019). Tem experiência nas áreas de antropologia e sociologia, com ênfase em gênero e relações raciais, além de ser pesquisadora do grupo de estudos em gênero, raça e subalternidade, da UFRB. Possui também um papel importante no movimento negro da Bahia e no movimento negro de mulheres, o nome dela surgiu por um acaso, mas durante nossa pré-entrevista, pude perceber que ela era exatamente o que eu estava procurando.

A entrevista aconteceu no salão de festas da casa dela, no bairro da Federação, no dia 04 de novembro de 2017, diferente de todos os outros entrevistados do documentário, Zelinda não é produtora de festas ou participante de algum coletivo que produza ações culturais para população jovem e negra de Salvador. O papel dela, neste produto, era fazer uma ligação entre o âmbito acadêmico e o fenômeno que foi estudado neste documentário. Logo, as suas perguntas na entrevista foram bem diferentes, de certo modo, dos tópicos pré-definidos na etapa de pré-produção do documentário, mesmo possuindo vasto conhecimento da cultura negra, do racismo e de coletivo sociais, a fala dela teria que ser pertinente ao documentário.

Com uma das entrevistas mais longas, a qual durou cerca de 35 minutos, a antropóloga conseguiu explicar seu conhecimento e abordou de uma forma mais direta e com visão acadêmica as propostas de problemática apresentada neste produto. Ela falou, repetidamente, sobre a importância do empoderamento coletivo, que negros e negras não precisam de nome de destaque, que a luta precisa ser por um empoderamento que englobe a todos. Uma das suas falas mais marcantes foi: “O empoderamento é um processo coletivo, e não individual, ter indivíduos negros em posição de destaque ou ter apenas indivíduos negros que se percebem como negros e valorizam essa negritude não vai dar conta, é necessário que haja uma mudança que se dê ao nível da coletividade, mais profunda”.

3.1.2 Carolina Neves

No momento em que pensei em fazer este produto com tema do empoderamento da juventude negra tendo como ferramenta a produção cultural, a Batekoo sempre foi uma

das minhas maiores inspirações e também umas das fundamentais referências. Tanto em aspectos de produção cultural, como em comportamento político e estético. A festa que surgiu na Bahia e se espalhou pelo Brasil, tendo edições mensais no Rio de Janeiro e São Paulo tem papel fundamental na existência deste documentário.



Carinhosamente apelidada de Tia Carol, por causa de seu modo de se relacionar com fraternidade com as pessoas, Carolina Neves faz parte do coletivo Batekoo há mais de 2 anos. Figura importante na cena cultural negra da capital baiana, seja fazendo shows musicais no início da carreira ou atuando em videoclipes de artistas como Ivete Sangalo e Atoxxá mais recentemente, ela traz consigo os valores único de uma mulher negra e periférica que conquistou seu espaço e serve como exemplo para muitos jovens negros.

A entrevista, que aconteceu no dia 13 de novembro de 2017 teve, na maior parte do tempo, um tom jocoso, característica marcante da personalidade da entrevistada. Eu e Carolina Neves somos amigos há alguns anos, compartilhamos algumas vivências e muitos momentos. Ela quis escolher a locação, ficou na dúvida entre o Passeio Público e a Escola de Belas Artes da UFBA, escolheu o primeiro, disse que estava com saudades do local.

3.1.3 Alan Costa



Nascido em Santo Antônio de Jesus, cidade que fica a cerca de 200 km da capital e tem população de aproximadamente 104 mil habitantes, Alan Costa é fundador de um

dos grupos mais atuantes de Salvador, o AfroBapho, um dos poucos ou único coletivo que coloca em par de igualdade as questões raciais, de gênero e sexualidade em Salvador. Tornando-se rapidamente umas das referências do ramo na cidade.

Alan tem 27 anos, é formado em Letras na Universidade Estadual da Bahia - UNEB, e é também ativista pela Anistia Internacional Brasil, sua entrevista era uma das mais importantes do documentário, ele trazia um aspecto único para o produto, outros coletivos e grupos não tinham a questão LGBT tão presente no seu trabalho como ele tem. Sua entrevista foi uma das mais complicadas de acontecer, com agenda cheia por causa da expansão do coletivo para outras capitais do Brasil, tivemos que buscar uma data em meio a sua agenda de compromissos, eventos, outras gravações tanto do deste documentário quanto suas, porém com muito empenho e otimização do tempo de ambas as partes a gravação aconteceu.

Durante a entrevista, que aconteceu na sua casa, no bairro do Cabula, em Salvador, no dia 09 de outubro de 2017, ele pontuou problemas dentro do movimento negro que o fizeram pensar em criar um coletivo que pudesse debater questões de sexualidade e gênero, algo que ele classificou como difícil em outros lugares: “No movimento negro, eu ainda sinto uma grande dificuldade da maioria das pessoas discutirem sexualidade e dissidência de gênero”. Para ele, tais problemas afastam muitos LGBT’s da militância racial e destes grupos.

O coeso discurso de Alan, quando trata da marginalização LGBT dentro do movimento negro e aponta a fetichização do negro LGBT como fissura dentro da própria causa, assemelha-se ao que Hall (2003) classificou como etnicidades dominantes, elas são sustentadas por uma economia sexual específica, uma figuração da masculinidade específica e uma identidade específica de classe. Hall (2003) argumenta:

“Não é de todo inesperada a pluralidade de antagonismos e diferenças que hoje procura destruir a unidade da política negra, dadas as complexidades das estruturas de subordinação formadas pelo modo como nós fomos inseridos na diáspora negra.” (HALL, 2003: 158)

A questão racial não é simples, tendo em vista que as diferenças raciais não nos formam inteiramente, Hall (2003) diz que “somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade e classe”.

3.1.4 Adriele Coutinho

Jornalista de formação, Adrielle Coutinho é produtora da boate LGBT Amsterdam, que faz parte do grupo San Sebastian, um dos nomes mais fortes na cena cultural de Salvador, dentro e fora do seu nicho.



As primeiras produções dela, ainda de maneira independente e experimental, são oriundas de 2012, a mais de 5 anos. Durante este tempo, muitas produções pereceram, outras surgiram e tiveram o mesmo fim, porém, seu produto inicial, a festa Oshe, criada no longínquo início da década, resistiu até hoje. Mudou de casa, passou por reformulações, hiatos e até algumas crises, mas ainda segue sendo um grande case de sucesso, este e outros fatores fazem com que Adrielle seja uma voz atuante e importante no cenário cultural de Salvador.

Uma das poucas produtoras do Grupo San Sebastian, ela é também um dos raros rostos negros na equipe da casa. Nossa entrevista aconteceu na própria Amsterdam, quase uma segunda casa para ela, no dia 08 de outubro de 2017, marcada para o início da tarde, contamos com um dia ensolarado e os preparos de um evento que aconteceria mais tarde no local. Bem direta e um pouco tímida, a entrevistada tem ideias em construção, opiniões fortes e um sonho audacioso, segundo as palavras dela: “Quero ser a maior produtora negra de Salvador”. É possível enxergar uma dialética entre o empoderamento individual proposto por Adrielle e uma questão mais coletiva trazida pela visão mais acadêmica de Zelinda Barros.

3.1.5 Jack Nascimento

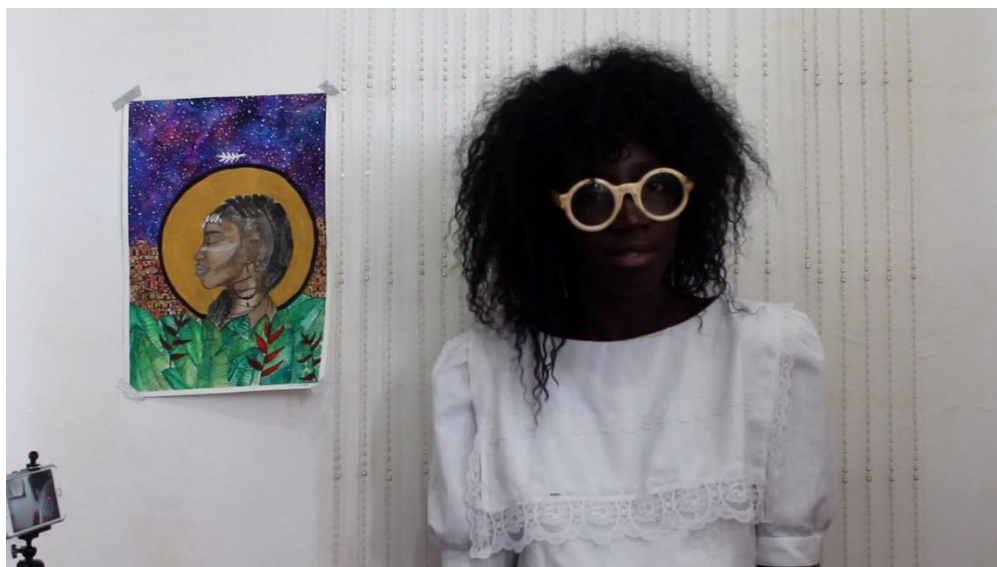


Jackson Diego, conhecido popularmente como Jack Nascimento, faz parte do coletivo Batekoo e idealizou, junto com Wesley Miranda e Mauricio Sacramento, o grupo. Com 30 anos, estudante de design da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Jack é oriundo de uma pequena cidade do interior da Bahia, Caetitê, que possui um pouco mais de 50 mil habitantes, segundo o último levantamento do IBGE, do ano de 2017.

Entrevistar dois integrantes da Batekoo não estava nos primeiros planos deste produto, porém a referência do coletivo e das festas que eles produzem no fenômeno estudado por este documentário é tão extensa que essa entrevista se fez necessária. Trazer outra perspectiva ajudou a compreender como uma festa, idealizada por amigos insatisfeitos com a cena cultural de Salvador, que não tinha pretensão de se tornar algo tão grande, mudou a vida de tantas pessoas e as deles mesmos. Como relata o entrevistado em uma das perguntas: “Dentro da Batekoo, existem gatilhos para você se sentir alguém, se sentir importante, não se sentir só uma sombra no mundo, e sim uma pessoa que faz toda diferença”.

A entrevista aconteceu no dia 19 de outubro de 2017, no bairro de Itapuã, na própria casa de Jack Nascimento, mais precisamente na laje da sua residência, com um cenário único como background, de um dos bairros mais charmosos e conhecidos da capital baiana. Jack, que também é gay, durante a entrevista pontuou que a Batekoo não é uma festa LGBT, mas que esta minoria tem seu espaço e papel fundamental na construção da mesma, todas as minorias encontram-se e celebram sua resistência nos eventos proporcionados pela Batekoo.

3.1.6 Luma Nascimento



O Circuito Rolêzinho, projeto idealizado e produzindo por Luma Nascimento juntamente com sua parceira Yasmin Reis, não estava nas primeiras escolhas como objeto a ser estudado por este documentário, porém o seu formato único e a importância que ele ganhou durante o ano de 2017 na cena cultural, o tornou um grande componente e enriqueceu o produto.

Nossa entrevista estava marcada primeiramente para o dia em que aconteceria a 3ª edição do Circuito, 25 de novembro de 2017. O evento tinha como tema “O corpo e o mundo”, e contou com oficinas de estampa, espaço de cura, feira e show da cantora Xênia França, vocalista da banda Aláfia, que Luma Nascimento considera como uma das suas principais referências de empoderamento, porém os equipamentos que usei durante todas as gravações apresentaram defeitos um dia antes, fazendo com que nossa entrevista tivesse que ser remarcada para um outro momento, uma grande perda, pois seria uma oportunidade de encontrá-la durante o seu evento e capturar imagens do mesmo. Mesmo com o contratempo, participei do evento como ouvinte para fazer anotações, análises e colher elementos novos para o produto, a partir das leituras destes aspectos foi possível perceber como a troca de signos e representações entre as pessoas convergem para propósitos distintos, mas o que faz o fenômeno existir é esta diversidade ser aceita e fomentada. A presença é fundamental para estreitar estes laços e fundamentar ideias, possibilitando a estes indivíduos o que Hall (2013) classificou como despertar para o mundo, e entender que construir este produto possibilitou analisar estas novas “representações” como “análise crítica e científica da realidade” a qual estão inerentes.

Remarcamos a entrevista para a semana seguinte, dia 01 de dezembro, na sua casa, no bairro do Santo Antônio Além do Carmo, junto com sua parceria de projeto, Yasmin Reis, mas ela não pôde participar por problemas pessoais. Esta foi a última do documentário, também uma das maiores, foram mais de 40 minutos de conversa. Luma tem o poder da palavra como uma das suas características mais latentes, talvez por ser aluna de pedagogia da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), ela articula seus pensamentos e ideias de maneira bem clara e por muitas vezes bem extensa, explica o que pensa e busca se fazer entendida da melhor maneira possível.

Nos nossos 40 minutos de entrevista, ela contou como surgiu a ideia de produzir o “Rolêzinho” e falou sobre sua inspiração que vem de São Paulo. Ressaltando a importância da sua família na construção da sua identidade de mulher negra, ela cita por muitas vezes sua irmã Luana Nascimento, outra entrevistada do documentário, ligada ao projeto Dresscoração. Ela discutiu ainda a diferença entre uma produtora negra e um produtor negro no cenário cultural de Salvador, falou sobre afroempoderamento e também sobre sua luta pessoal e política. Este foi um dos momentos mais marcante da entrevista: “a minha luta maior é fazer com que as pessoas entendam o quanto o racismo é um crime, um crime histórico e social, enquanto as pessoas racistas precisam pagar

financeiramente por isso, porque é aquilo, né? Dinheiro é uma energia e se você mexeu com a energia de um corpo negro, você precisa trabalhar e pagar dessa forma”.

3.1.7 Naymare Azevedo



Durante as entrevistas, a questão do afroempreendedorismo surgiu como pauta em muitos momentos, o que fez com que eu buscasse, já na fase produção do documentário, um coletivo ou pessoa que trabalhasse com esta demanda. Logo surgiu o Afrotonizar e o nome de Naymare Azevedo. O coletivo oferece oficinas, com fomento de órgãos públicos, sobre economia criativa, moda, cosméticos, gastronomia e audiovisual nos bairros do Centro, Liberdade, Plataforma e Uruguai. Tem como público alvo jovens de 14 a 30 anos.

Como a inserção deste coletivo aconteceu de maneira tardia, a entrevistada não pôde participar de uma fase que considerei de fundamental importância para otimizar o tempo de produção, as pré-entrevistas. Logo, nossa entrevista foi baseada nas minhas pesquisas prévias e do que consegui descobrir sobre trabalhos feitos pelo coletivo em participações em outros eventos, porém isso fez com que nossa entrevista fugisse muito do padrão estabelecido, que era de no máximo 30 minutos. Ao total ela durou quase 60 minutos.

Naymare Azevedo tem 25 anos, é formada em Políticas Públicas e trabalha diretamente com a produção cultural de Salvador e empreendimentos criativos de modo geral com foco em audiovisual e artes em geral. Durante sua entrevista, ela embasou boa parte do seu discurso e das suas falas em dados próximos aos que foram apresentados

neste memorial, como os números alarmantes de morte dos jovens negros, 71% de pessoas mortas no ano de 2015 são pretas ou pardas, dos 59.080 homicídios contabilizados no país pelo Atlas da Violência. Ainda na construção deste discurso, ela sinalizou como a falta de políticas públicas oriundas do Estado contribuem para a crescente destes números.

Nossa entrevista aconteceu no dia 04 de dezembro de 2017 na casa de shows Idearium, no bairro do Rio Vermelho, onde vai ser inaugurando o “galpão criativo”, projeto do qual ela é colaboradora e, que pretende ser uma galeria de artes permanente. Durante nossa extensa entrevista, foi possível tratar de muitos assuntos, falamos de políticas públicas voltadas para a população negra, afro empreendedorismo e outros temas que cercam este documentário. Em certo momento, de maneira até emocionada, ela fala da importância do seu projeto: “A partir do momento que eu ousei criar um projeto, me juntar com outras pessoas e fazer essa construção coletiva se expandir e se multiplicar a gente tá conseguindo avançar cada vez mais no nosso empoderamento”.

3.1.8 Luana Nascimento

Quando a ideia deste documentário surgiu, um dos primeiros nomes mais recorrentes nas minhas pesquisas foi o de Luana Nascimento, conhecida em redes sociais como Loo Nascimento, ela capitalizada tem alguns milhares de seguidores no Instagram, ela é também fundadora de uma das marcas mais presentes no vestuário dos jovens negros de Salvador, a *Dresscoração*.



Negra, mulher e empreendedora, ela possui no seu trabalho a principal característica que despertou o meu interesse em trazê-la para o documentário. A sua loja, que é virtual, possui um trabalho único em Salvador, desde 2012, ela e sua equipe, irmãs e amigas, garimpam estampas e formas brasileiras que possuam semelhanças ou traços da nossa herança africana. A este processo, desde a sua concepção até comercialização de peças, eles chamaram de BRÁFICA EM

NÓS!

A entrevista aconteceu na comemoração do aniversário de 5 anos da loja. O evento em celebração ocorreu no Lálá, galeria de arte situada no Rio Vermelho, em 19 de

novembro de 2017. A celebração contou com oficinas de maquiagem para pele negras, palestras de empreendedorismo nacional e internacional, feira com outras marcas do segmento, venda de cosméticos, arte urbana, bate papos, participação de muitas camadas da sociedade e de outros coletivos, como o DJ Jack Nascimento, do coletivo Batekoo.

Esse trabalho cooperativo, mais próximo até de uma união, me faz lembrar de uma das suas últimas frases na entrevista, de que como é importante, em um contexto social, debater as questões raciais brasileira. “ O racismo, o preconceito, a situação social do negro do Brasil não é um problema individual, é um problema coletivo”.

4. PRODUÇÃO

4.1 CRONOGRAMA

Meses	Out/2017	Nov/2017	Dez/2017	Jan/2018	Fev/2018
Elaboração do roteiro das gravações	X				
Pré-Produção	X				
Memorial	X	X	X	x	
Gravações	X	X	X		
Elaboração do roteiro de edição		X	X		
Decupagem			X	x	
Montagem e edição			X	x	
Finalização e Pós Produção			X	x	

4.2 GRAVAÇÕES

Criando uma estética visual para o documentário, defini, em primeiro momento, fazer todas as gravações nas seguintes locações: TV Pelourinho, a própria Faculdade de Comunicação da UFBA e no Passeio Público, porém a logística de marcar com entrevistados nestes locações se tornou bastante complicada por várias questões, a distância para alguns, a agenda extensa de outros e até questões de comodidade, logo, as

gravações passaram acontecer na casa dos entrevistados, como a maioria, ou no local das suas produções e eventos onde eles estavam participando ou produzindo.

Vale ressaltar que a mudança nas locações deu uma construção mais diversa ao documentário, mesmo com problemas de iluminação em algumas locações ou cenários simplórios de outras, gravar com cada um dos oito entrevistados em lugares diferentes, trouxe, a este produto, uma multiplicidade de cores e tonalidades, dando mais dinâmica ao documentário e produzindo, provavelmente, menos cansaço nos olhos de quem for assistir.

Classificar os entrevistados a partir do que Nilson Lage (2001) caracterizou como testemunhas do fenômeno possibilitou uma composição narrativa mais próxima de um documentário. A partir das gravações pude perceber a necessidade de trazer na construção do produto audiovisual elementos que fossem enriquecê-lo. Algo que Lage (2001) classificou como fonte oficiais, substituído artisticamente pelos dados na abertura, e que passam um tom complementar ao discurso que vai ser apresentado durante o documentário.

4.2.1 Roteiro das gravações

Os roteiros das entrevistas foram divididos em blocos (1, 2, 3) para facilitar e otimizar o tempo de decupagem e edição, com a divisão dos assuntos em grupos. Existiu a possibilidade de aprofundar os temas com determinados entrevistados e buscar o momento mais coerente para abordá-lo na entrevista, criando assim uma linha de raciocínio.

Os blocos estavam divididos em: bloco 1 – construção social – perguntas de cunho mais pessoal, bloco 2 – o fenômeno – questões que buscavam ligar o entrevistado ao tema do documentário e o bloco 3 – sociedade – neste momento eram feitos questionamentos sobre a coletividade das festas, grupos ou coletivos, podendo tratar de assuntos como afroempreendedorismo, capitalismo, hipersexualização do corpo negro e mídias sociais. Tendo em vista que cada entrevista era única e necessitaria de uma pré-produção, essas perguntas serviram de base, mas foi levado em conta a singularidade de cada entrevistado e produzida uma pauta de perguntas para cada um e eventualmente alterações destas perguntas durante as entrevistas.

Tópicos das entrevistas

Bloco 01

Quem você é?

Como e quando surgiu sua ligação com o empoderamento?

Como se constrói este empoderamento e qual a importância dele?

Quais avanços traz o empoderamento da juventude negra e qual a melhor forma de combater os problemas?

Bloco 02

Do que se trata seu coletivo? Evento? Produção? Ou grupo?

Qual é este público? Como ele enxerga seu produto?

Como se constrói o empoderamento da juventude negra dentro do seu produto?

Você possui referências, quais são o parâmetro do seu trabalho?

Quais avanços trazidos pelo seu produto para o cenário cultural de Salvador?

Bloco 03

Como a internet e as mídias sociais contribuem para o empoderamento

Capitalismo x Empoderamento: Dentro de uma logística capitalista, de venda de produtos e lucro, como este empoderamento é possível?

Qual o papel da academia neste empoderamento?

Existe um diálogo com a sociedade e como ele se constrói?

Conquistas, dificuldades, desafios e objetivo final.

4.2.2 Imagem

Utilizei como equipamento de captura das imagens do documentário uma câmera profissional CANON DS 126 311, com lente de 18-55mm. Algumas gravações foram feitas durante o final de semana ou a noite, por isso a preferência em usar um equipamento pessoal. A câmera foi cedida pelo meu chefe e editor do portal Bahia Notícias, Fernando Duarte, e ter acesso a este equipamento durante todo o processo de gravação facilitou os agendamentos das entrevistas e toda a logística.

Tendo em mente que um documentário pode ser concebido a partir de vários “modos de representação” caracterizados em seis por Bill Nichols (1995), busquei neles elementos que pudessem contribuir na elaboração da composição fotográfica do produto.

Mesmo este produto documental sendo classificado como modo participativo, onde entrevistas possuem papel primordial e a ligação do diretor com o tema é latente, foi possível criar estratégias para trazer aspectos de uma construção mais poética, por exemplo, onde convenções tradicionais são questionadas e é construindo produto mais vanguardista. Então, tentei inserir os entrevistados de maneira mais direta com cenário, onde a locação tivesse também uma função de composição da entrevista.

Como ferramentas auxiliares das gravações usei um tripé da VX Case e um cartão de memória SanDisk, 48 MB/s de 32 gigas.

4.2.3 Imagens de Cobertura

Durante todo o processo de gravação do documentário produzi imagens que pudessem contribuir para uma narrativa menos cansativa e engessada que um projeto audiovisual com tantas entrevistas pode ter, logo, a produção de imagens adicionais - que pudessem ser inseridas, na fase de edição, no momento da fala dos entrevistados e em outras ocasiões - acompanhou todo o processo de gravações, grande parte destas imagens foram gravadas nos dias das próprias entrevistas. Gravar em alguns eventos de que os entrevistados estavam participando ou que estivessem produzindo também foi uma alternativa usada para possibilitar produção das imagens de cobertura. Além disso nestes momentos também pude produzir 4 depoimentos, do público do evento, que relatam a importância do fenômeno apresentado neste documentário.

Ainda no intuito de criar uma narrativa menos pragmática, os depoimentos se construíram como artifício de complemento, em primeiro momento, mas também da quebra sequencial proposta pelo roteiro inicial muito enfadado. Tal roteiro contava apenas com entrevistas, imagens de cobertura e clipes com imagens de cobertura, que iriam servir de ponte entre uma parte do documentário e outra.

Finalmente, os produtores dos coletivos Afrobapho, Batekoo, Dresscoração e BrÁfricaDay disponibilizaram, para a edição, algumas imagens de antigos eventos produzidos por eles. Além disso, o coletivo AfroBapho cedeu todo o conteúdo das suas produções audiovisuais inspiradas no afrofuturismo e bem compostas esteticamente.

Fora a contribuição direta dos entrevistados, em partilhar seus conhecimentos e suas visões do fenômeno, vale pontuar como a contribuição indireta, principalmente dos

próprios entrevistados, ajudou na construção deste produto. Nichols (1995) classificou que as vozes participantes do documentário e a voz do cineasta ou diretor caminham para uma troca, desigual, pois quem decide o que entra ou não, em que momento e como é somente o cineasta. Mas esta troca possibilita conceber um produto mais próximo da realidade que ele busca representar.

4.2.4 Som

A captação de áudio das entrevistas, entre outros momentos de gravações, foi algo que me preocupou bastante na fase de pré-gravação e definição dos equipamentos que seriam usados na produção. Usei o microfone Pixel0157 Radio Flash Yongnuo Rf-605c Rf605 Canon, que é um modelo direcional, mas também faz a captura de áudio do ambiente, o que poderia ocasionar muito ruído nas entrevistas. Assistindo o documentário “*Favela gay (Rodrigo Felha, 2014)*” pude perceber que estes ruídos muitas vezes fazem parte da estética sonora de um produto audiovisual, é possível perceber que estes ruídos aplicados de uma maneira controlada dão, ao espectador, uma proximidade com o local onde estão sendo feitas as gravações e até uma abordagem menos pragmática, o que possibilita mais liberdade na hora de construção do produto.

4.2.5 Trilha sonora

A trilha sonora do documentário, que dá alma a este produto, é formada única e exclusivamente por artistas negros. Integrante da banda Álafia, Xênia França, baiana, lançou em 2017 seu primeiro álbum solo, o *Xenia*, ela participa do documentário com duas músicas: “Respeitem meus cabelos, brancos” e “Preta yayá”. Grande inspiração para o grupo AfroBapho, Linn da Quebrada é paulista e cantora de funk e pop. Transgênero e com músicas de cunho político, ela lançou em 2017 o álbum *Pajubá*, no audiovisual ela aparece nas músicas “Bixa Travesty” e “Bomba pra caralho”. Representante do queer rap, Rico Dalasam é paulista e gay, tem dois EP’s e um CD lançado, no documentário aparece com a música *Aceite C* e Rincon Sapiência ou Manicongo é um rapper e poeta brasileiro, ele aparece no produto com a música *Afro rep*, lançada no ano de 2017.

4.2.6 Abertura

Inspirado em documentários como “*Favela gay (Rodrigo Felha, 2014)*” e “*Resistance: Rio's Different Face of Fashion (Geoff Levy, 2017)*”, a abertura deste produto contou com dois produtos audiovisuais produzidos nos últimos momentos das gravações: uma voz *off* e imagens em planos fechados ou médio de pessoas negras.

A voz *off* traz dados da marginalidade e mortalidade da população negra no Brasil, da falta de políticas públicas para estes grupos, além do racismo institucionalizado presente no Brasil. Apresentada em números, as informações foram coletadas a partir de pesquisas em institutos de estatística, sites de notícias e organizações não governamentais. A voz foi gravada no estúdio da rádio RBN digital, do site Bahia Notícias, pelo repórter da instituição, Bruno Luiz.

Para as imagens que estariam na abertura do documentário pensei em um primeiro momento, em usar o artifício da inserção dos dados, apresentados em voz *off*, como texto gráfico, porém em conversa com o professor Marcelo Ribeiro, em uma das nossas orientações, discutimos outra possibilidade audiovisual, que consistia em trazer estes dados juntamente com imagens de rostos e corpos negros em vários enquadramentos produzindo uma sensação de contraponto.

5. PÓS PRODUÇÃO

As filmagens duraram cerca de um mês e meio, entre o final de outubro e o início de dezembro. O processo de edição começou também neste período, mesmo com a dificuldade de assistir os vídeos gravados no meu computador, por algum motivo as filmagens ficavam travando, o procedimento de decupagem se iniciou ainda durante as últimas gravações, afim de otimizar a edição e revisar minuciosamente tudo que foi extensamente gravado.

5.1 DECUPAGEM

O primeiro passo para a decupagem foi dividir as filmagens em ordem cronológica e em pastas no meu computador. De entrevistas eram cerca de 27 vídeos,

somando um total de 259 minutos e 37 segundos. O que dá 4 horas, 19 minutos e 37 segundos, para as imagens de cobertura, gravei quase 30 vídeos curtos, nas locações, dos entrevistados, de produções ou qualquer aspecto que pudesse contribuir esteticamente para a edição do documentário.

A partir da organização das pastas e as entrevistas divididas em pelo menos duas partes, as imagens de cobertura, de cada entrevistado, foram inseridas nestas pastas também. Por exemplo: “Loo Nascimento – Entrevista – Parte 01” e “Imagens de Cobertura Loo Nascimento”, segui este padrão para todas as entrevistas e imagens de cobertura.

O próximo passo foi iniciar a decupagem das entrevistas, como ainda não tinha certeza de como e onde seria feita a edição, iniciei a decupagem elegendo as entrevistas mais importantes e transcrevendo literalmente tudo que foi dito durante as gravações, a partir do momento que decidi como seria e quem faria a edição, o estudante da Facom, Victor Fonseca, nos dividimos na decupagem destas entrevistas, ele ficou com as que caracterizei como menos importantes e eu fiquei com as outras. O processo de decupagem, em dias corridos, durou uma semana e serviu imensamente na etapa de cortar os vídeos e diminuir o tempo total de vídeo bruto, que passou inicialmente de 259 minutos para 100 minutos e 15 segundos.

5.2 EDIÇÃO E MONTAGEM

Escolhemos, como linha de edição, elencar as principais entrevistas, que iriam servir como as principais histórias, que foram as entrevistas de Loo Nascimento, Alan Costa, Luma Nascimento, Neymare Azevedo e Jack Nascimento, descritas aqui na ordem de importância que definimos. Como não editamos na Facom, Victor usou seu próprio notebook para edição, ela se iniciou no dia 11 de janeiro de 2018, um pouco fora do cronograma, mas dentro de um tempo hábil para qualquer contratempo que pudesse acontecer.

Victor possui grande familiarização com o programa de edição de vídeo *Adobe Premiere*, logo, este foi escolhido como programa de edição do documentário. A partir daí começamos um trabalho diário de ajustes e avanços no que se era editado. Primeiro a abertura, quando decidimos colocar uma trilha sonora para dar um tom de dramaticidade

ao que se é dito e pausas maiores nos dados que a *voz off* apresentava. Seguimos quase que fielmente ao esqueleto/roteiro de edição definido ainda na etapa de produção do documentário. No dia 21 de janeiro de 2018, tivemos a nossa primeira reunião para assistir o que já tinha sido editado, das entrevistas e definir se iria ser necessário regravar alguma coisa. Nesta reunião foi definido que iríamos precisar de mais imagens de cobertura, como Victor já tinha apontado alguns dias antes, a partir disso, entrei em contato com fotógrafos e cinegrafistas das produções e eles me passaram alguns vídeos curtos que possuíam das produções, o que serviu para finalizar algumas lacunas de imagens de cobertura que o documentário ainda tinha.

Como o documentário foi todo gravado na mesma câmera, a paleta de cores esteve sempre semelhante, facilitando nos ajustes de saturação, brilho e sombra. Por último, usamos o programa de edição de áudio *Sound forge* para fazermos a masterização e equalização dos áudios das entrevistas, off e trilhas usadas na edição. No dia 28 de janeiro de 2018, fizemos a nossa última reunião para assistir todo o produtor e finalizarmos alguns detalhes ainda restante.

Afim de usar um dos modos de representação de Bill Nichols (1995), o modo performático, a edição foi fator diferencial para construção de um tom mais carregado de tensão e seriedade em alguns momentos. Logo na abertura, aplicamos uma trilha sonora mais pesada junto com os dados que são apresentados de forma mais pausada, diferente de como foi ele pensado em primeiro momento. A ideia foi construir uma narrativa em que telespectador, provocado pela carga efetiva, tome esta narrativa como sua. Aproximar o documentário da realidade dos telespectadores, com imagens de lugares conhecidos por exemplo, foi a maneira de inserir o tema e a narrativa de forma subjetiva à quem vai assistir o produto.

5.3 FINALIZAÇÃO

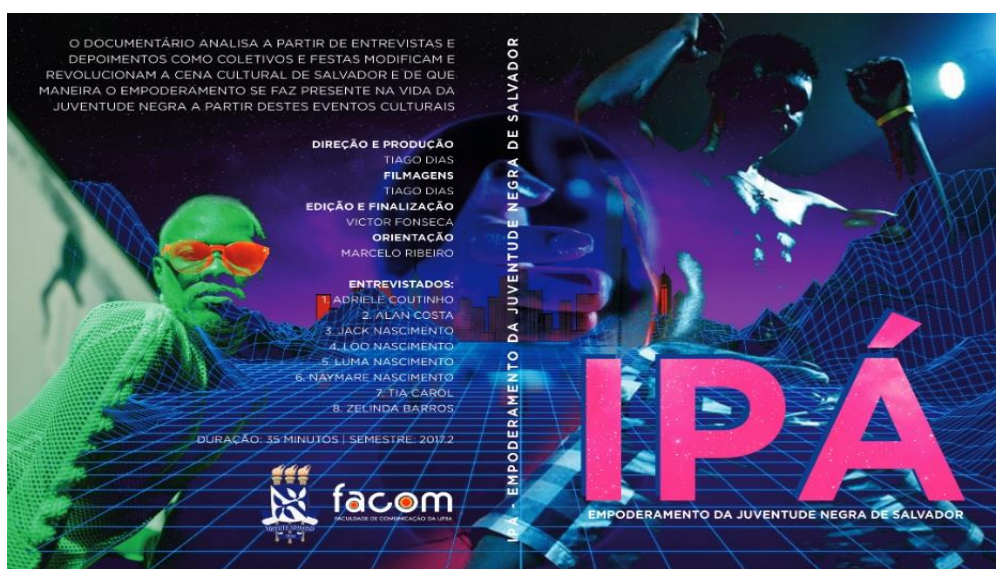
Na finalização do documentário, que aconteceu nos encontros nos dias 26 de janeiro de 2018 via reunião por Skype e no dia 28 de janeiro de 2018 com uma reunião presencial, participou também uma amiga minha que trabalha com edição de vídeo, Anna Louise Rabello afim de opinar e apontar aspectos a serem ainda trabalhados no documentário. Nesta etapa também fizemos a inserção dos caracteres e legendas que

traziam informações adicionais, algumas produções de vídeografismo, aceleramos algumas imagens de cobertura, troca de trilhas sonoras e a inclusão dos créditos finais do documentário.

5.4 NOME DO DOCUMENTÁRIO

Ipá – Empoderamento da Juventude Negra de Salvador - a escolha do nome IPÁ, força em iorubá, veio após uma extensa pesquisa de palavras em um dos maiores idiomas étnico-linguísticos da África. Força é elemento essencial para uma população marginalizada pela sociedade e que possui poucas políticas públicas para sua sobrevivência.

5.5 CAPA



Durante a construção do documentário, fui apresentado a um tema muito interessante, mas que não interagia diretamente com as propostas desta produção. O afrofuturismo – que é uma estética cultural que se baseia em elementos de ficção científica, ficção histórica, fantasia, afrocentrismo e realismo mágico para criticar dilemas atuais da cultura negra. Com cores vibrantes e dimensões fora do convencional, o afrofuturismo aborda temas e preocupações da diáspora africana. Tendo essa perspectiva como referência, criei, com ajuda do ilustrador Carlos Alberto, a capa do documentário e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso. Usamos, como ferramenta de

construção, os programas para edição de imagem: Adobe Illustrator CC e Adobe Photoshop CC 2017. As informações estão escritas nas fontes *Bebas Neue* e *Humblle Rought*. As fotos usadas para capa e contra-capas são de Matheus Thierry, fotógrafo da festa Batekoo e disponibilizadas de forma gratuita.

6. INVESTIMENTO

ITENS	VALOR (R\$)
Livros (2)	70,00
Transporte (Uber)	120,00
DVD-RW (4)	4,80
Impressão da capa e memorial	60,00
Edição	200,00
TOTAL	454,80

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ligação que possuo com o tema definido para este produto audiovisual é clara e latente. A minha afetividade com o fenômeno proposto foi um fator crucial para sua escolha e também funcionou como ferramenta motivacional durante o período de sua produção. A discussão étnico-racial sempre se fez presente na minha vida pessoal, e busquei, durante o período da graduação, fazer com que ela fosse presente também na minha trajetória acadêmica. Primeiro por entender que inúmeros âmbitos de ensino superior ainda são estruturalmente racistas e excludentes e que precisamos cada vez mais fomentar, das diversas formas, o debate racial no ensino público; Segundo, como canta o rapper Emicida, na música “Boa Esperança”, “Tema da faculdade em que não pode por os pés”, a questão racial há décadas são temas de estudos, pesquisas e produtos nas Universidades Públicas, mas ainda somos minoria absoluta nestes locais; Terceiro por saber que a militância negra está simples ato de ingressar, permanecer e finalizar esta graduação.

Ser visto, sentir que faz parte de algo ou sentir-se confortável onde está são algumas características da representatividade, a produção desse documentário me mostrou como esse tema é importante em todos os âmbitos da vida. Na faculdade onde estudei durante anos existem poucos professores negros, minha futura área de atuação, seja produção cultural ou comunicação, possuem poucos profissionais negros também. O negro não está nesses espaços, mesmo a sua herança cultural sendo constante tema de trabalhos e produções, não somos vistos, não temos espaço, estamos a margem de todo e qualquer papel de protagonismo.

Estar em contato com coletivos de jovens produtores negros, entrevistar estes produtores, descobrir mais da cena cultural jovem, negra e marginalizada de Salvador me mostrou que o racismo precisa ser combatido por todas as frentes, precisamos ocupar todos espaços e ser figura protagonista nestes lugares. Quando conversava com amigos, colegas de trabalho ou faculdade sobre o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso um sintoma era frequente em todos que me davam algum tipo de *feedback*, as opiniões eram sempre positivas, me falavam da importância de produzir este tipo de trabalho no âmbito acadêmico, mas sempre salientavam a dificuldade de produzir algo acerca da

cultura negra dentro do âmbito acadêmico. No imaginário popular, ao que parece, a cultura negra, jovem e soteropolitana não possui espaço e voz ativa em uma faculdade que tem como um dos seus cursos o de produção cultural, local onde as expressões artísticas e culturais deveriam ser valorizadas, sejam estes fenômenos tradicionais ou as novas manifestações. Este foi um aspecto que pude perceber durante anos de graduação na Faculdade de comunicação da UFBA e que outros jovens também perceberam nos locais onde eles frequentavam para se divertir, nas principais marcas de roupas da cidade ou até mesmo nas suas referências de trabalho. Estamos sempre a margem, ou melhor, estávamos, pois estes coletivos, grupos e festas estão mudando a realidade de muitos jovens de Salvador e espero que venha mudar de muitos outros.

8. REFERÊNCIAS

8.1 BIBLIOGRAFIA

- BANDEIRA, Luiza. **Qual o debate sobre o projeto que acaba com o auto de resistência no Brasil.** Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/11/08/Qual-o-debate-sobre-o-projeto-que-acaba-com-o-auto-de-resistencia-no-Brasil>> Acesso em 20 de novembro de 2017.
- BAIRROZ, LUIZA. **Negros e Negras Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais(LGBT): construindo políticas públicas para avançar na igualdade de direitos** Disponível em <https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/NEGROS_E_NEGRAS_L%C3%89SBICAS_GAYS_BISSEXUAIS_TRAVESTIS_E_TRANSEXUAIS.pdf> Acesso em: 15 de novembro de 2017
- CARLOS, Maíra de Brito. *A Problemática da Entrevista e do Depoimento no Documentário Brasileiro Contemporâneo*. 2004. 11f. Artigo. Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, 2004.
- CERQUEIRA, Ana Carolina. **EMPODERAMENTO: Não é sobre o tamanho do seu black power.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/empoderamento-nao-e-sobre-o-tamanho-do-seu-black-power/>> Acesso em 20 de novembro de 2017.
- COELHO, Jade. **Bahia é estado com mais pretos e pardos assassinados em comparação aos brancos.** Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/214947-bahia-e-estado-com-mais-pretos-e-pardos-assassinados-em-comparacao-aos-brancos.html>> Acesso em 15 Novembro de 2017.
- CORRÊA, E. L.; PINHEIRO E. P.; CARDOSO S. P. **Arte e Cidades – Imagens, discursos e Representações.** Salvador: EDUFBA, 2008. 182p. : il.
- FERRARAZ, R.; CARREIRO R.; SÁ S. P. D. **Cultura Pop.** Salvador: EDUFBA; Compós, 2015. 296p.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989, pp. 179/191.

FURTADO, C. A.; SANSONE, L. **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014. 494p.

GONÇALVES, Patrícia. **Como é ser um LGBT negro em uma sociedade racista**. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/como-e-ser-um-lgbt-negro-em-uma-sociedade-racista/>> Acesso em 20 de novembro de 2017.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016. 260p. : il. ; 21 cm

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ufmg, 2003.

LAGE, Nílson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MIRANDA, N.; RUBIM, L. **Transversalidade da cultura**. Coleção Cult. Salvador: EDUFBA, 2008. 198p.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação Informação, Goiânia, v. 5, n. 1/2, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 183p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 1995.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **"Escravidão no Brasil"; Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>>. Acesso em 24 de dezembro de 2017.

WATTS, Harry. **On Camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. São Paulo: Summus, 1990.

8.2 FILMOGRAFIA

DAUGHTERS of Destiny. Direção: Vanessa Roth. Estados Unidos da América, 2017. 60min. Cor.

FAVELA Gay. Direção: Rodrigo Felha. Brasil, 2014. 71 min. Cor

MINIMALISM a Documentary About The Important Things. Direção: Matt D'Avella. Estados Unidos da América, 2016. 79 min. Cor

RESISTANCE: Rio's Different Face of Fashion. Direção: Geoff Levy. Brasil, 2017. 9min. Cor.

9. ANEXOS

9.1 AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

NAYMARG SANTOS DOS AZEVEDO (nome do modelo), BRASILEIRA (nacionalidade), RN (estado civil), SOLTEIRA (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº 002.380.323, inscrito no CPF. Sob nº 068.327.544-50, residente à Rua Paulista Helvécia Carneiro, nº 6, na cidade de Salvador, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e outros meios de comunicação, para ser utilizada no documentário "Afrotombamento", as imagens são destinadas à produção do curta-metragem ou divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, video-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Salvador, 08 de Novembro, de 2017.

Naymarg Santos dos Azevedo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

LUANA SILVA NASCIMENTO (nome do modelo), BRASILEIRA (nacionalidade), SOLTEIRA (estado civil), EMPREENDEDORA (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº 100827861, inscrito no CPF. Sob nº 022108895-21, residente à Rua R. Gramboa de Cima, nº 23, na cidade de SALVADOR.

AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e outros meios de comunicação, para ser utilizada no documentário "IPÁ: empoderamento da juventude negra de Salvador", as imagens são destinadas à produção do curta-metragem ou divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Salvador, 19 de NOVEMBRO, de 2017.

Luana Silva Nascimento

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

ADRIELLE PEREIRA COUTINHO (nome do modelo), BRASILEIRA (nacionalidade), BAHIA (estado civil), JORNALISTA (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº 1204959992, inscrito no CPF. Sob nº 05186622509, residente à Rua DOCTOR FLAVIANO GUIMARÃES, nº 240, na cidade de SALVADOR.

AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e outros meios de comunicação, para ser utilizada no documentário "Afrotombamento", as imagens são destinadas à produção do curta-metragem ou divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, video-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dois) dias de igual teor e forma.

Salvador, 26 de NOVEMBRO, de 2017.

Adrielle Pereira Coutinho

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Carolina Neves de Santana Vieira (nome do modelo), Brasileira (nacionalidade), solteira (estado civil), Dj (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº 1416852476, inscrito no CPF. Sob nº 06647297545, residente à Rua Primeiro de Setembro, nº 07, na cidade de Salvador, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e outros meios de comunicação, para ser utilizada no documentário "Afrotombamento", as imagens são destinadas à produção do curta-metragem ou divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Salvador, 23 de novembro, de 2017.

[Assinatura]

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

• Alon Costa Bispo (nome do modelo), brasileiro (nacionalidade), Bahia (estado civil), produtor cultural (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº 0285125500, inscrito no CPF. Sob nº 1481952293, residente à Rua Alameda das Mangueiras nº 7, na cidade de Salvador, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e outros meios de comunicação, para ser utilizada no documentário "Afrotombamento", as imagens são destinadas à produção do curta-metragem ou divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Salvador, 27 de novembro, de 2017.

Alon Costa Bispo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

LIMA PAULA SILVA NASCIMENTO (nome do modelo), BRASILEIRA (nacionalidade), SEXTEIRO (estado civil), ESTUPANTE (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº 1373797738, inscrito no CPF. Sob nº 042 80617538, residente à Rua SANTO ANTONIO AÇEM DO CARMO, nº 12, na cidade de SALVADOR. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e outros meios de comunicação, para ser utilizada no documentário "Afrotombamento", as imagens são destinadas à produção do curta-metragem ou divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Salvador, 04 de Dezembro, de 2017.

[Assinatura]

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

ZELINDA DOS SANTOS BARROS (nome do modelo), BRASILEIRA (nacionalidade), UNIÃO ESTÁVEL (estado civil), ANTROPÓLOGA (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº 3817000 03, inscrito no CPF. Sob nº 855843555-39, residente à Rua AV CARDEIRA DA SILVA, nº 1229, na cidade de SALVADOR, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e outros meios de comunicação, para ser utilizada no documentário "Afrotombamento", as imagens são destinadas à produção do curta-metragem ou divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhétos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Salvador, 04 de DEZEMBRO, de 2017.

Zelinda dos Santos Barros

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Jacobson Diego do N. Paula (nome do modelo), 0510511987 (nacionalidade), Salvador (estado civil), Designer (profissão), portador da Cédula de Identidade RG nº 0984015199, inscrito no CPF. Sob nº 03627177533, residente à Rua Conde Ruy de Albuquerque, nº 35-B, na cidade de Salvador, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e outros meios de comunicação, para ser utilizada no documentário "Afrotombamento", as imagens são destinadas à produção do curta-metragem ou divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (III) folder de apresentação; (IV) anúncios em revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) back-light; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Salvador, 30 de novembro, de 2017.

Jacobson Diego do N. Paula